

Journal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

30 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 26500 réis; Semestre ou 26 numeros, 13500 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 14 DE MAIO DE 1882 — N.º 12 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 76000 réis; semestre ou 26 numero 46000 rs.; trimestre ou 13 numeros 26000 rs.; avulso 200 rs

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor.

SUMARIO

GRAVURAS:—Theatro da moeda em Bruxellas. Rossini creança. S. Francisco Xavier nas Indias. A mensagem (gravura do romance) TEXTO:—Actualidades, por Mané. As nossas gravuras por P. C. O domingo historico, por A. O. Horas d'ocio. Correspondencia. Um passado tenebroso.

ACTUALIDADES

Entra Lisboa na sua quadra intoleravel, como nenhuma outra do anno.

Os festejos pombalinos foram a ultima nota d'esta

tura de S. Carlos e de terminar em maio, quando as rozas já nasceram, já viveram, e já morreram até, vivendo mais que *l'espace d'un matin* de que falla o poeta.

Lisboa n'este instante começa a mudar-se para o

quem terá uma só noticia d'essa população agitada e ruidosa que dá as conversas do *Gremio* e o *high-life* do *Diario Illustrado*, perdida toda por essas quintas ignoradas do Minho e das duas Beiras, faminta de sombras frescas e de atmosferas claras e



THEATRO DA MOEDA EM BRUXELLAS

enorme symphonia que aqui se chama inverno, e que tem a petulancia de começar em Outubro com a aber-

campo, os comboys despejam bandos de encalmadados por essas provincias além, e d'aqui a pouco nin-

saturadas de luz, que o vento rasga de manso, arrastando na sua cauda os perfumes dos pomares

e as exalações dos trigaes maduros e dourados...

E só mais tarde nós iremos encontrar essa alegre população das *premieres* de S. Carlos e dos bailes das embaixadas, pelas praias, ou jogando ou dançando nos clubs, ou nas noites de luar, quando o mar é calmo e prateado, ouvindo a voz sonora dos poetas dos salões recitando o soneto escripto nas varetas do leque d'alguia andaluza, em noute d'amor, emquanto o oceano arfava ao longe e a lua vinha azular suavemente a fina cambráia das cortinas ondulosas.

E não ia eu arrastado na choradeira! Se não dou por mim tão depressa com certeza que d'aqui a pouco estava ahí a rimar sem o sentir alguma redondilha soporífica para uso de qualquer menina sem alferes que lhe estivesse adjunto!

Pois, como eu lhes ia contando — estamos chegando á quadra intolerável. Os chronistas agora o que tem a fazer é despir a casaca, pôr de parte os sapatos de verniz, o chapéu de pasta, a gravata branca, tudo que pode recordar o delicioso inverno, e irem a caminho... a caminho de quê? Do assumpto.

Escusado é procurar-o agora entre a rua do Ouro e o Chiado. Este covil — a *Havaneza* — quando começa a dar rosas deixa de dar noticias. E como uma chronica não é hem um vaso de flores, nem mesmo entra pelos dominios do alegreite; sim! como a chronica não é susceptível de ser sachada e de ser regada, as rosas sendo esplendidas e magnificas, não são ainda assim o sufficiente para duas columnas d'um jornal.

É necessario que os chronistas se ponham a caminho; é necessario que elles saibam cumprir com o seu dever. Não é o assumpto que tem obrigação de vir ter connosco: nós é que devemos ir descobri-lo. Tambem creio que é este o unico ponto de relação que pode haver entre nós e um bando de perdigueiros — o faro.

Quando a novidade se não encontra ao voltar da esquina para o Pote das Almas; quando ella, chegando o calor, não está nem nos dominios do sr. Arrobas, nem tomando chá com a musa do sr. Thomaz Ribeiro, nem nos artigos de fundo dos jornaes politicos, nem no *Gremio*, nem no restaurant do Silva, ao chronista compete então vestir um outro fato, calçar uns outros sapatos, e de rede ao hombro ir por esses campos além, por essas quintas de fidalgos assombreadas pelos castanheiros copados, fechados por altos muros, verdes das intemperies, onde as heras espanejam as suas opulentas cabelleiras em que os passaros fazem ninhos e esperam as madrugadas rubras, apanhando as novidades, pulo aqui, pulo acolá, como as crianças que andam caçando as lindas borboletas côr de palha, transparentes de luz, pousando tremulas e iriadas, sobre as quentes florescencias amarellas dos gordos girasoes...

Do centenario ninguem já falla. Fez-se a festa; o cortejo civico passou imponente pelas ruas da cidade baixa; fez-se o passeio fluvial; e por alguns dias apenas andaram pelo ar uns restos de vibrações,

d'algunas notas desafinadas que uns pifanos inconvenientes se lembraram de soltar. Mas os pifanos creio que já se calaram, e nada ha que dizer.

O Gymnasio encarregou-se de nos annunciar o verão. Foi o primeiro theatro que fechou as portas ao publico. Atraz d'este seguir-se-ha immediatamente a Trindade, e D. Maria, e Rua dos Condes.

Como é velho habito cá na terra de que nada se faz sem se lavrar um protesto (haja vista ao centenario pombalino!) ficou S. Carlos para protestar. O maestro Colonne fez reabrir o theatro, e procura por todos os modos, fazendo para isso o melhor uso de Beethoven e de Berlioz, tornar comprehensivel a capital que as terças e sextas feiras da semana, ainda que estejamos em pleno verão, passam a ser do mais rigoroso inverno. Uma parte da nossa sociedade, a que está em Lisboa, vae até S. Carlos. Mas anda uma enorme discordia entre o publico e o maestro, e receio mesmo algumas questões mais graves. Este para fazer perceber que as terças e sextas estão oficialmente declaradas dias de inverno... nominal, tem a sala no estado d'um forno de oleiro. Aquelle para lhe fazer crer que é verão, ingere milhões de sorvetes por noute. Receia-se um conflicto!

Estamos pois perdidos, os chronistas, se não vamos até ao campo. Temos forçosamente de trocar a rua da Bitesga pelos caminhos tortuosos, perfumados pelas madresilvas e pelas balseiras em flor, e em vez dos occasos de Manini em lonas magnificas, ir ver os verdadeiros poentes, rubros como rubis inflamados, de barriga para o ar, estendidos (nos!) sobre as relvas fôfas, quando os campos são mudos e quietos, e quando se vêem ao longe passar, de bilhas sobre a anca, como bellas visões antigas, as nossas rijas camponezas, de carnações rosadas e sangue puro, evolvendo na frescura da atmospheria as suas cantigas dolentes, que vibram na Natureza como uma perola caindo sonoramente n'um fino calice de crystal!

É ir para o campo, meus amigos, é ir para o campo! É deixar Lisboa, que a pobre capital vae entrar na sua quadra intolerável!

Ou vamos para o campo quanto antes para ver como estão esses pomares perfumados e essas ceareas immensas que o sol doura todas as manhãs, ou a nossa proxima chronica será a primeira d'este anno — sobre as febres da Lapa e o mau saneamento da capital!

É necessario fugir á epidemia... e á rotina!

Dizem os parisienses: — *Mai, le mois des fleurs*! — Nós outros, os lisboenses, os senhores do tal jardim da Europa á beira mar plantado, só podemos exclamar: *Maio, o primeiro mez das paludosas!*

E ponho ponto para não acabar com artigo de fundo sobre a hygiene da cidade...

MANÉ.

AS NOSSAS GRAVURAS

Theatro da Moeda em Bruxellas

O edificio que a nossa gravura representa é o do Theatro Real de Bruxellas, conhecido vulgarmente pelo nome de Theatro da Moeda; é um formoso edificio, como vêem, mas não nos demoraremos a descrevê-lo, porque o principal interesse da gravura está na galeria que corre ao longo do theatro, sustentada por umas cariatides de ferro fundido bastante elegantes, galeria modernissima e que tem a seguinte origem:

Quando o incendio do theatro de Nice e principalmente depois o terrivel incendio do Ring-Theater de Vienna sobresaltaram a opinião publica de todos os paizes, todos os governos tomaram sérias precauções e providencias para evitar sinistros semelhantes.

O governo portuguez publicou tambem umas portarias quaesquer, e durante algum tempo arderam no theatro da Trindade umas velas de stearina que sempre serviam para, em caso de incendio, os espectadores morrerem ás claras.

O governo belga, que parece que se occupa um pouco menos com as eleições e um pouco mais com estas questões de interesse publico do que o nosso (referimo-nos, é claro, á entidade «governo» em geral, e não a este ou áquelle, porque o *Jornal do Domingo* não é politico, e Deus nos livre de o arrastarmos para esse caminho), o governo belga pois tratou immediatamente de mandar fazer essas elegantes galerias que correm ao longo das differentes ordens de camarotes, que se harmonisam perfeitamente com o caracter architectonico do edificio, que lhe dão até um aspecto mais monumental, que servem, em casos normaes, de passeio para onde os espectadores podem ir tomar o fresco, e que em caso de incendio offerecem, pelas escadas que vão ter a rua, e pelas escadas de mão que logo se podem alli encostar, um grande numero de saídas, alem da facilidade que ainda dão aos bombeiros para deitarem por alli agua directamente para a sala de espectáculo.

Lembrou-se ainda a vantagem de se fazer com que os parapeitos das frisas fossem umas portas mascaradas e disfarçadas pelos ornatos, mas que, em occasião de incendio, se podessem abrir, dando aos espectadores da platéa outras tantas saídas, e de proceder da mesma forma com alguns camarotes de primeira ordem, para que os espectadores do balcão tivessem as mesmas regalias que os espectadores da platéa.

Aqui está o que fez o governo belga immediatamente, e sem muitas portarias nem grande espalhamento. Em Portugal ainda de vez em quando um periodico pergunta: Que é feito d'aquellas providencias etc.? Ninguem responde, é claro, e Deus continúa a velar pelos nossos theatros, que estão confiados principalmente, como diria talvez mr. Prudhomme, á guarda e vigilancia d'esse bombeiro voluntario que se chama — a Providencia!

Rossini Criança

É copia a gravura de um gracioso quadro, que representa Rossini criança ainda e aprendiz de ferreiro. Era filho de um musico ambulante o futuro maestro, e, apesar das suas tendencias musicaes, não quizera o pai que elle seguisse a carreira, cujas amarguras e humilhações de sobra conhecia. Met-

teu-o como aprendiz n'uma loja de ferreiro; mas o pequeno mostrou uma tal inabilidade que o mestre simplesmente o empregou em puxar a corda do folle. Representa-o a gravura na ocasião em que o dono da officina dá a seu respeito as piores informações ao pae que vem saber noticias. Evidentemente o digno ferreiro declara que Rossini nunca fará coisa com geito, mal prevendo a sua gloria futura, que havia de inspirar ao grande escriptor francez Méry esta pagina sublime:

«A melodia incarnada, que recebeu o nome divino de Rossini, atravessará os seculos a despeito dos dissidentes, como a fé evangelica. Se este grande mestre não deu aos homens o thesouro completo que recebera de ceu, a culpa é dos homens, mas a sua obra é immensa, abrange o mundo, satisfaz a todas as necessidades das almas escolhidas, a todas as exigencias do espirito e do coração. Excepto as cousas vulgares, que elle odeia como o seu compatriota Horacio, Rossini tudo tratou, em tudo triumphou e com essa distincção suprema que só pôde fazer as verdadeiras obras primas, phenix tão rara em todas as artes, digam o que disserem os rhetoricos.

Rossini tocou, com igual felicidade, os dois antipodas da criação. Em *Guilherme Tell* cantou a terra com as suas alegrias, os seus amores, as suas angustias, os seus prazeres, as suas lamentações, os seus triumphos, as suas graças, os seus horrores, as suas radiações, as suas trévas, e o hymno prodigioso nada mais deixa que dizer aos que vierem depois.

No *Moyse* cantou o ceu com os seus extasis, os seus milagres, as suas victorias, os seus mysterios; tomou a antiguidade biblica, essa pyramide de vertice invisivel, explorou-a nas suas cryptas e nos seus mais profundos arcanos, e arrancou-lhe toda a poesia sublime dos prophetas de Jerusalem. Só o *Moyse* faz de Rossini um musico sem igual; a impossibilidade do ponto de partida constituiu a superioridade d'essa obra; podem-se fazer, e mesmo tem-se feito, obras primas com um libertino que persegue raparigas, mas tomar o divino legislador dos hebreus, essa figura collosal que chega ao ceu, e commover-nos até ao fundo da alma, durante tres horas, toda a nossa vida, com essa musica austera, musica que o coração adora; com essas notas graves que nos vem do Nilo, do deserto e do oasis; com esses mil echos da antiguidade biblica, cujo foco está no fundo das Pyramides e nos valles do Sinai, eis o mais pasmoso, dos milagres da melodia, a obra prima impossivel!

O homem é insufficiente para o realisar, precisa da associação de um artista celeste; é necessario que, n'um sonho oriental, o musico escreva semelhante poema, dictando-lh'o Deus directamente.

Se Rossini só tivesse escripto o *Moyse* e o *Guilherme Tell*, seria ainda assim o espanto dos seculos vindouros; mas não se contentou com esta antithese; quiz fazer vibrar todas as notas do teclado humano; desceu do Sinai para uma sarça ardente, afim de fallar face a face com o homem, e, sempre n'essa lingua inaudita, encanto do ouvido, delicias da alma, eterna festa do coração. Exhumou das lagunas venezianas essa lamentavel historia de ciúme e de paixão furiosa, em que os rugidos do tigre africano se casam com as mais suaves melodias do amor; exhumou das ruínas do Euphrates a sombria legenda de Nino, em que os gritos do remorso, os hymnos dos magos, os terrores das aparições, as voluptuosidades das rainhas adúlteras, os pavores dos sepulchros, se unem ás melodias das festas babilonicas nos jardins aereos de Semiramis; arrancou dos dois mares que banham Coryntho—*bimaris Corynthi*,

um magnifico poema, que veio morrer nas immensas orelhas dos surdos; depois creou tres mulheres maravilhosas, tomadas nas extremas condições do contraste, Ninetta, a aldeã, a *dama do lago*, e a *Cenerentola* dos contos infantis; as tres graças da musica, as tres eternas amantes de universo, creou as tres expressões do riso humano, as tres jovialidades da vida, as tres sensatas loucuras d'este mundo triste, a *Italiana*, o *Barbeiro de Sevilla*, o *Conde Ory*, tres obras primas sem tumulo, em que a hilaridade homérica, a embriaguez amorosa, a orgia aristocratica se expandem com um ardor, que muda a orchestra n'um fogo de vista olympicos. E o amor, esse bem amado da melodia, o amor como elle o semeou a plenas mãos, esse adoravel mestre, no seu jardim das Hesperides! como elle prodigalisou os matizes d'essa paixão que é a vida, e lançou o estyigma da vaidade em tudo o que não é amor!

Contem os duettos amorosos de Rossini, reunam-n'os todos n'um feixe, e terão a medida de tudo quanto se tem despendido em extasis, em ternuras, em languidas fraquezas, em puras aspirações, em affagos exquisitos, e em divinaes enlevos! Tudo quanto o coração do homem e o labio da mulher tem exprimido de angelico ou de sensual palpita n'esses duettos de amor: essa é que é a verdadeira historia universal! principia debaixo das palmeiras de Memphis e acaba debaixo das laranjeiras de Sevilla, passando pelo castello de Noirmoutiers. Emfim, da mesma forma que Correggio, o pintor dos Amores, pintou a festa da Anunciada de Genova, Rossini escreveu o seu *Stabat*, immortal como a memoria do Calvario. Por um lance de genio, digno só d'elle, Rossini não confiou ao tedio e aos baixos profundos o cuidado de psalmearem as queixas da Mãe das Dores; Rossini cantou, n'esse *Stabat*, as graças da Redempção, as alegrias da esperança, as irradiações da porta do ceu, aberta pelo sangue do Golgotha; fez fluctuar sobre essa pagina de desolação, todas as flores do jardim celeste, todas as grinaldas de Saron, todas as maravilhas da terra da promissão, lembrou-se da phrase tão christã de Agostinho: «A morte é a vida» *mors viva*; escreveu a sua divina alegria n'esse *Campo Santo* de Pisa, onde os tumulos se banham no azul, se corôam de lyrios, e riem ao sol. E, depois de feitos tantos trabalhos, Rossini, que podia dizer-nos ainda tantas maravilhas, adquiriu o direito de cantar para si só e de se calar para os outros; o seu *exegi monumentum*, ainda que incompleto, será o espanto do futuro; a posteridade não perguntará se Rossini podia ter feito mais; mas considerará o genio elle fez como a obra mais maravilhosa que o genio humano concebeu.»

S. Francisco Xavier nas Indias

Hontem ainda prestava o *Jornal do Domingo* a sua homenagem ao grande marquez de Pombal que expulsou os jesuitas, hoje presta homenagem a um santo jesuita, que é uma das glorias da civilização e da humanidade. Se Francisco Xavier tivesse deixado imitadores, nunca a ordem a que elle pertencera levantaria contra si a justa animadversão dos espiritos illustrados e dos corações generosos.

O quadro, de que a nossa gravura é copia, é uma das obras primas de Rubens e foi pintado para uma igreja de jesuitas. Representa uma predica de S. Francisco Xavier, em que a voz do santo missionario se operam os mais extraordinarios milagres. Partem-se por si os idolos, recuperam a saúde os enfermos, saem da campa os mortos. Sente-se n'esse quadro animado e pittoresco o pincel brilhante e como que

tumultuoso do grande pintor de Antuerpia. Só a gravura não pode dar uma idéa apropriada do colorido magico do quadro original.

Francisco Xavier, um dos primeiros cujo espirito ardente se inflamou com as predicas de Ignacio de Loyola, partio de Lisboa para a India em companhia do governador Martim Affonso de Sousa, e é notavel que o homem de mais pura virtude, que figurou na India portugueza partisse na esquadra do governador mais cynico que a mesma India teve. Não tardaria porém Martim Affonso de Sousa a ser substituido por D. João de Castro, e o probo vice-rei e o santo missionario poderam conhecer-se e estimar-se n'esse Oriente, que haviam de encher com a fama das suas virtudes.

Foi no dia 7 de abril de 1541, que Francisco Xavier partio para a India, e nos tres mezes que durou a viagem, porque a frota de Martim Affonso inverno em Moçambique, deu Francisco Xavier provas relevantes do seu zelo evangelico e da sua caridade. Era no navio o prégador, o consolador, o enfermeiro da tripulação; em Moçambique, em Melinde e em Socotrá, essa caridade, estendendo-se aos indigenas, encheu-os de espanto a elles que estavam costumados a ver nos europeus apenas os seus tyrannos e os seus algozes. A 5 de maio de 1542 chegou Francisco Xavier a Goa, e deu alli uma prova de humildade e cordura, como na viagem dera tantas de caridade, porque, indo revestido pelo papa, quer dizer pelo chefe supremo da Igreja, do titulo de nuncio apostolico, apresentou-se comtudo ao bispo de Goa D. João de Albuquerque, declarando-lhe que só exerceria o seu cargo, se elle lh'o consentisse. Era um exemplo de moderação que elle dava a todos esses avidos e indisciplinados capitães que não cediam o poder uns aos outros, senão depois de largas e vergonhosas contendas.

Em Goa empregou Francisco Xavier o maior zelo em espalhar a instrução christã e a moralidade entre uma população corrompida. Depois, passando á costa da Pescaria, comprehendida entre o cabo Comorim e a ilha de Manar, prégou o christianismo com um successo que justificava não só o seu zelo a mansidão das suas doutrinas, a suavidade do seu ensino, mas tambem os actos de caridade com que elle acompanhava as predicas, fortificando com a santidade do exemplo a santidade das theorias.

Ora na costa da Pescaria, ora em Travancor e Meliapor, convertendo e prégando, ora em Goa aonde veio fundar um seminario para os jovens indios, passou Francisco Xavier os tres annos do governo de Martim Affonso de Sousa, sanando com o balsamo da sua palavra e da sua caridade o triste effeito que produziam no animo dos indios as piratarías do governador.

Quando D. João de Castro, aportava a Goa, partia Francisco Xavier para Malaca, e ahi e nas Molucas não foram poucas as conversões que operou, nem foi pouco proficuo o seu exemplo para cohibir as demasias e a immoralidade dos Portuguezes.

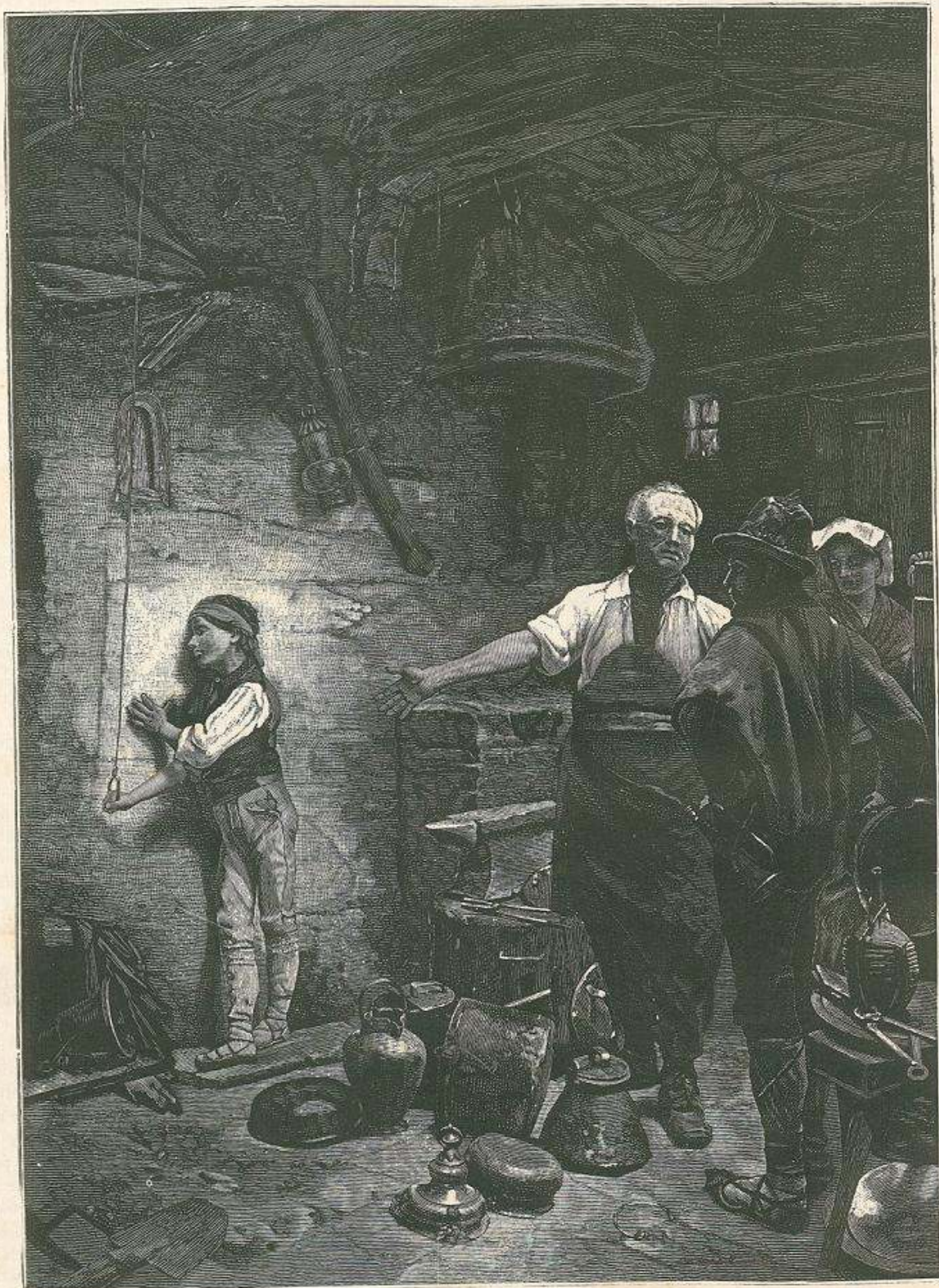
E era necessario que a sua virtude fosse effectivamente grande, a sua caridade esplendente, para grangear neophytos em sitios assignalados por tamanhas crueldades dos Portuguezes, elle que os indigenas como Portuguez consideravam, e que o era effectivamente por adopção senão por nascimento.

Voltou a Goa a tempo de receber o ultimo suspiro de D. João de Castro. Precedia-o alli uma reputação immensa de santidade, um prestigio a que ninguém se eximia. Levado da santa ambição de ir ensinar a fé e o nome de Christo ás mais remotas regiões, já se não contentava com esse vasto paiz, onde tremulava dominadora a bandeira portugueza: percorreria

a costa de Malabar e a costa de Bengala, visitara os resplandecentes imperios da Malasia, fundára o seminário de S. Paulo em Goa, onde portuguezes e indigenas, que inflammára com o ardor do seu enthusiasmo, formavam uma sagrada milícia disposta a seguir as suas pisadas e a substituí-lo n'esses paizes,

Beatificou-o Paulo V, canonisou-o Gregorio XV, e Benedicto XIV proclamou-o padroeiro do Oriente. Todo o Oriente effectivamente o venera; as suas reliquias como que transformam Goa na cidade sagrada das Indias para todas as populações christãs de Malabar, de Ceylão e das Molucas, da China e da

terpezas, o vulto de S. Francisco Xavier surge puro e sem nodoa, como se atravessasse o mundo sem roçar pelos seus tremedões a fimbria da sua tunica. Por isso, ao passo que o Oriente de todos os nomes gloriosos que o assombraram apenas conserva dois na memoria — o de Albuquerque e o de Castro, não



ROSSINI CRENÇA

que pelo seu vulto conservaram um quasi supersticioso respeito. Competia-lhe, como a general audacioso, levar ainda mais longe a bandeira da fé. Entrou no Japão, desacompanhado, só com o prestigio da sua palavra, e conquistou-o para a sciencia e para o christianismo, ia entrar enfim na China quando a morte o surpreendeu.

Indo-China. Com effeito o seu nobre vulto merece a veneração dos devotos e dos profanos, o seu prestigio como que faz perdoar a companhia de Jesus os crimes que depois commetteu, os excessos a que a sua ambição a arrastou. No crepusculo da gloria portugueza, gloria bem manchada de sangue, na aurora da gloria jesuitica, gloria bem manchada de

esqueceu nunca o vulto do humilde missionario que é illuminado pela doce luz da caridade e não pelo sangrento lampear das espadas. É porque o nome dosanto que soube consolar, tem echos perpetuos no coração das gerações, enquanto aos grandes do mundo succede o que tão bem exprimiu na sua phrase castiça, classica e elegante, Lucena, o proprio



S. FRANCISCO XAVIER NA INDIA

biographo de S. Francisco Xavier: «Soam, porque montam e valem, enquanto vivos, os grandes; mas a memoria que d'elles fica, em acabando, o propheta a comparou ao rasto ou ao signal que o som no ar deixa depois que passa.»

O DOMINGO HISTORICO

14 de maio de 1383 — Casamento da infanta portugueza D. Beatriz, com D. João I, rei de Castella.

Do casamento do nosso rei D. Fernando I, com D. Leonor Telles, nasceu uma princeza cuja vida foi atribulada e cheia de desgostos, parecendo que sobre ella cahira a maldição terrível que torna os filhos victimas expiatorias dos erros e dos crimes dos paes.

Viu a princeza a luz em Coimbra na primavera de 1372, quando D. Henrique de Castella, depois de haver atravessado a fronteira, chegou com o seu exercito em frente dos muros d'aquella cidade, concorrendo talvez essa critica e angustiosa situação da rainha D. Leonor para apressar o termo da gravidez.

Ainda quasi no berço, concedeu D. Fernando a mão de sua filha a D. Frederico, bastardo do rei D. Henrique, mas d'ahi a pouco o nascimento de um filho a D. João I de Castella, em fins de 1378, suggeriu ao nosso volúvel monarcha a idéa de fazer de D. Beatriz a herdeira da coroa castelhana, e logo tratou de celebrar os desposorios d'ella com o infante castelhano recém-nascido.

Em 1381 mudou mais uma vez de noivo a pobre criança, e D. Fernando ajustou o casamento d'ella com o principe Eduardo, filho do duque de Cambridge; mas quando tratou da paz, usando da sua habitual perfidia, pactuou a união da filha com D. Frederico, segundo filho do rei D. João I de Castella.

Ainda este enlace não chegou a realisar-se porque perdendo o soberano castelhano a consorte, o marido de D. Leonor Telles, tratou immediatamente de casar a filha com o rei viúvo.

D. João aceitou com jubilo o offerecimento, que lhe dava esperanças de vir a juntar a sua coroa á coroa de Portugal, e a nossa infanta, que apesar de ter apenas dez annos contara já quatro noivos, partiu finalmente para Hespanha, e depois de celebrado com grande pompa o casamento em Badajoz, no dia 14 de maio de 1383, foi para a corte do marido esperar a idade nubente que, por dispensa do papa de Avinhão, fôra fixada aos 12 annos.

Em outubro d'esse mesmo anno de 1383, falleceu D. Fernando, e a sua viúva fez acclamar rainha a esposa do rei de Castella; mas desde logo começaram a apparecer n'um e n'outro ponto do reino varios tumultos que depois se transformaram em aberta e decidida revolta sob a direcção do mestre d'Aviz.

D. Beatriz teve de assistir impassível á guerra da independência, ás discordias de seu marido com D. Leonor Telles, ao encerramento d'esta no carcere, e sobrevivendo ao esposo, passou os ultimos annos da sua vida entregue a exercicios de piedade, até que morreu na villa de Madrigal.

A. O.

CORRESPONDENCIA

A um poeta.— Não queremos de forma alguma dar a entender aos nossos assignantes quem é a pessoa a quem respondemos, por isso empregamos esta designa-

ção vaga, mas que será facilmente entendida por quem deve entendê-la. Realmente são muito justas as suas queixas! São justificadissimos os seus clamores contra a falta de protecção, contra o despreso que encontram os desconhecidos! Quem foi que o recommendou? que nome brilhante o precedia? E fechou-lhe por isso alguém a porta?

«Qualquer trabalho que se apresente, pelo simples facto de o assignar um nome conhecido, é aceitavel e bom, em quanto que o desconhecido, somente porque o é, baldadamente procura aperfeiçoar-se, escrever alguma coisa que geito tenha, porque jamais conseguirá ser admittido ao congresso dos conhecidos, dos de reputação feita, embora elles ás vezes escrevam... como Deus sabe!»

Pura rhetorica, amavel e illustre correspondente. Se houvesse um vislumbre de verdade nas suas queixas, não havia escriptores conhecidos nem reputações feitas, porque as reputações para se fazerem precisam de não estar feitas, e os escriptores antes de serem conhecidos são desconhecidos, porque os homens celebres não são como as pescadas que antes de o ser já o eram. Como romperam? como saíram da multidão? dando provas de merecimento, e, se não encontrassem quem as soubesse apreciar, não teriam nunca obtido essa reputação a que allude com tanta amargura.

«Tudo é bom e aceitavel quando elles o escrevem, apesar de escreverem ás vezes... como Deus sabe. Amigo e senhor, lá diz Horacio que o bom Homero dormita ás vezes. Pois, para ter o direito de dormir de vez em quando essas sonneccas, seja Homero primeiro. Escreva a *Iliada* e não se lhe estranhará que durma um pouco sobre os seus loiros, mas, enquanto dormir no chão, não estranhe que lhe não deem os mesmos direitos que a Homero.

Mas note uma coisa: se os jornaes, se os editores, acceptam mais facilmente os versos dos poetas conhecidos, embora não estejam as vezes á altura da sua reputação, o publico em troca é mil vezes mais severo com elles do que com os outros que principiam. Basta que nos versos, no romance, no drama de um *noço* haja um lampejo de talento para o publico applaudir aos gloriosos regateia-lhes mais a sua admiração. O que já fizeram tornar o publico exigente e desdenhoso.

Mas o que dissemos nós? Dissemos simplesmente que os poetas que nos assaltam ainda se caíam quando são preteridos por nomes conhecidos, mas que se molestam e se queixam quando vamos buscar ao monte de versos, em que se desentranha em nosso favor a musa portugueza, um soneto, umas quadras em que brilha uma promessa, uma revelação de talento para as apresentarmos no nosso Rosicler, porque se o prestigio da gloria faz com que se inclinem diante dos nomes de Gonçalves Crespo e de Luiz Guimarães, os conselhos da vaidade e do amor proprio fazem com que se não julguem inferiores em meritos aos que, por nossa conta, distinguimos da turba.

Pouco desejosos de melindrar os nossos assignantes, que se entregam á versicultura, e menos desejosos ainda de demassar os nossos assignantes que não são versicultores com a historia metrificada de todos os namoros da capital e das provincias, resolvidos a fazer uma escolha severa, custa-nos sempre dar esse passo, porque nem transigimos com os massadores, nem queremos tambem desconsolal-os.

Mas, aqui para nós, quer que sejamos cúmplices dos motivos particulares, que fazem com que tenha empenho em publicar no *Jornal do Domingo* os versos a que allude? Essa cúmplice é perigosa sempre que se trata de assumptos amorosos. Nós bem sabemos que não exige a sua publicação. É demasiadamente delicado para o fazer, e nós somos tambem demasiadamente senhores do nosso nariz para consentir. Publicamos o que for bom, seja ou não conhecido o seu nome, mas, tenha paciencia, não publicamos o que nos enviou ultimamente, porque... não sei se quer que o analisemos? Não disse que desejava conselhos? Pois bem, creia que é bom o antecedente, e que é detestavel o que nos envia agora. Enquanto ella passava, o amoroso poeta dormia na cama de Homero uma raposeira das taes que Horacio lhe permitia. A diva ficará sem saber, pelo menos pelo *Jornal do Domingo*, o que o seu adorador pensava, enquanto ella se deixava transportar classicamente n'um carro semelhante ao de Romulo, nas azas de Boreas, e entre nuvens de poeira. Se o carro em que a dita senhora ia não é de inven-

ção mais moderna ainda que a dos carros Rippert, não podemos adivinhar que diabo seja.

Por esta rude mas franca resposta o nosso susceptivel correspondente saberá que só publicamos o que nos parece mau, que não está portanto comprehendido na classe em que julgou que o mettiámos, e que podia portanto têr-se dispensado de escrever a carta que deu motivo a esta longa correspondencia, correspondencia que o magôa talvez, mas de certo contra nossa intenção.

HORAS DE OCIO

Palavras em luzangulo

Não vás além da primeira que é lugar de devoção. Flexível, extensa e forte serve ao mando e á criação até findar n'elle a morte.

GANDAREZ

Pergunta indiscreta

Qual é a mulher mais beata do mundo catholico?

OCIOSOS DE CAÇADORES. 4

Salto do cavallo

the-	tu-	la-	to-	lo-	e
bas-	nhas	res	nas	ya-	de
por-	ma-	gre.	a-	tris-	m-
pa-	tro	im-	l	nas	vi-
ção	Dio-	as	com	tas	36
chei-	re-	que	go-	de	ur-

Começa na casa 1, acabando em 36.

GUALDIM ZOROASTRO.

Perguntas arithmeticas

Um sugêito foi a um sapateiro, comprou um par de botas por 17 schellings, deu uma libra para pagar; o sapateiro mandou o aprendiz trocar a libra a um seu visinho. Este trocou a libra, o sapateiro deu a demasia ao freguez que se retirou. Passados minutos o visinho vem reclamar uma libra, visto que a que tinha mandado para trocar era falsa.

Pergunta-se quanto perdeu o sapateiro?

Imagine-se uma carreira regular de vapores entre Lisboa e o Rio de Janeiro. Cada dia sahe um de cada porto, com uma velocidade regulada, de sorte que gasta 30 dias quer na ida quer na volta; a derrota é perfeitamente a mesma, de fórma que os vapores encontram-se sempre.

Pergunta-se: o vapor que sahe de Lisboa quantos vapores da mesma companhia encontra até chegar ao Rio de Janeiro?

Soluções dos problemas do n.º 9

Metagramma—Papa, Capa, Tapa, Sapa, Lapa, Rapa, Kapa.

Palavras quadradas

A Z O R
Z U N E
O N Ç A
R E A L

Soluções certas

Metagramma—Carmelita, Acertei? (Loulé), Monge de Osseira (Pitões de Júnias), Nadége (Coimbra).

Palavras quadradas—Abílio Cordeiro, Edipo, Annibal Cardoso, Carmelita, Benedita Barros (Setúbal).

EXPEDIENTE

Esgotou-se completamente em Lisboa a edição de 1:000 capas em percalina que destinamos para a capital e provincias. Vemo-nos portanto, forçados a fazer uma segunda edição e declarar a todos os srs. correspondentes que só no fim da proxima semana poderemos satisfazer as suas requisições.

A ADMINISTRAÇÃO

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(Continuado de pag. 88)

Donaciano e Luigi retiraram-se. Era enorme a curiosidade, que em ambos tinha despertado a tentativa de escalar a janella, as palavras de Gibraltar a Desherbiers, e, sobretudo, a entrevista dos dois.

— E Paulina que não apparece! disse o visconde; ella deve ter-se informado... deve saber...

O dono da casa descia a escada n'essa occasião, e dirigindo-se ao visconde, disse-lhe:

— A neta do sr. Desherbiers manda dizer-lhe que não sente nada; que já lhe passou o grande susto, que teve.

Donaciano determinou ir deitar-se, e Luigi ir para a cabeceira de Gibraltar não só acompanhá-lo, mas descobrir o fio da meada.

Por mais que fizesse não pôde saber o que se passára na conferencia de Justino e do ex-coronel; notou porém que este, apesar do soffrimento, estava alegre, e depois de adormecer pronunciava repetidas vezes: «Dez mil francos! dez mil francos!... Londres! Londres!

No hotel ninguem suspeitou o que se tinha passado de noite; no dia seguinte foi Gibraltar conduzido para a estação n'uma excellente carruagem, acompanhado por Luigi, desconfiando ambos um do outro. O resto da caravana seguia a carruagem a pé. Só Euphrasia e Zelia Martinpré mostravam-se animadas. Donaciano e Paulina iam silenciosos, e Justino Desherbiers parecia engolfado em sombria meditação.

XV

É de supôr que o acontecimento do hotel de Waterloo impressionasse o espirito do visconde, e o fizesse até supôr que existia algum laço mysterioso entre Gibraltar e a sua futura mulher. Mas Paulina mostrava-se tão commovida, que elle não ousava pedir-lhe explicações; tinha porém resolvido exigir-as mais tarde.

Quando foi no dia seguinte a casa de Desherbiers,

disseram-lhe que a noiva estava doente e não podia receber o. Era coisa natural, e Donaciano dispunha-se para se retirar, quando o avô lhe pediu que ficasse. O velho, visivelmente embaraçado, só no fim d'algum tempo disse a Donaciano, que sob sua palavra lhe affirmava, que o triste acontecimento do hotel não fôra auctorisado por nenhuma especie de relações anteriores entre Gibraltar e sua neta. E mais disse que o miseravel heroe da Communa tratára intimamente com um parente seu, e que d'ahi provieram certas circumstancias, a que elle Desherbiers e Paulina se achavam ligados. Podia dizer o que era, mas ia assim revelar um segredo, que lhe não pertencia, coisa que o visconde reprovava de certo, como cavalheiro. E, como não lhe era possivel dar mais amplas explicações, restituia ao visconde a palavra, que empenhára, de casar com Paulina.

O suor alijava a testa de Donaciano, a quem se affiguravam muito obscuras as explicações, que acabava de ouvir. Tinha muitas duvidas; mas romper! Não; por caso nenhum.

— Sr. Desherbiers, disse elle, quero crer no que me diz, e creio. Renovo o meu pedido, e desejo que o casamento se faça o mais breve possivel.

— Obrigado, visconde; vou dar todas as providencias; mas peço-lhe que não diga a Paulina uma só palavra do que se passou entre nós.

— Era a minha tenção, respondeu Donaciano.

Justino Desherbiers estava louco de satisfação; mas o noivo tinha igual contentamento. Reservava-se para saber tudo por meio de esclarecimentos dados a Luigi pelo proprio Gibraltar. Mas o communista obstinava-se em não dizer palavra sobre o motivo, porque procedera d'aquelle modo em Waterloo.

O visconde nada dizia a noiva, como tinha promettido; a noiva tambem lhe não dava explicação alguma, e d'aqui nasceu uma frieza de relações, que a pouco e pouco foi desaparecendo, graças á boa vontade com que ambos esperavam a realisação do casamento.

XVI

Marcou-se epocha, e dia definitivo para a boda, e no horizonte só havia o ponto negro de Paulo Gibraltar, porque de uma e outra parte se tinham procurado novas informações, que vieram corroborar as que já tinham sido mandadas por Aubry Beaubourg ácerca dos Desherbiers, e por Mangonneau a respeito de Donaciano.

Assignaram-se as escripturas com grande contentamento, recebendo Paulina em dote uma bella fortuna. Poucos dias antes d'aquelle em que se devia effectuar o acto religioso, Donaciano e Luigi foram ao café da «Renascença», onde se devia achar o ex-coronel, de partida para Londres.

Sentaram-se os tres a uma meza no fundo da sala, e quando se accendeu o gaz, o italiano bateu no braço do visconde com grande agitação.

— Que é? perguntou este.

— Desgraçado!... não viste?... Olha... ao pé da porta, á esquerda...

— Ah! é elle! Diabo! Estou perdido!

Quem era o homem, cujo aspecto inspirou tamanho terror?

Era um homem de trinta e cinco annos aproximadamente, alto, de physionomia intelligente, maneiras urbanas e distinctas. Um personagem, que já conhecemos: o advogado René Morlant. Conversava animadamente com um sujeito mais velho do que elle, vestido com grande simplicidade, e cujo rosto, apesar de ser um tanto comico, revelava grande finura.

— Ninguem me tira da cabeça que este advogado do inferno está aqui por nossa causa! disse Monaville ao ouvido de San Marco; de mais a mais a presença de João Rotentout não deixa duvidas.

— Tens razão, disse Luigi, com ar acabrunhado; o perigo é imminente, e nas vespéras!... É fatalidade! E com certeza descobre-me, e vai saber do teu casamento, se é que já não sabe tudo.

— E se nos vê! replicou Donaciano. Foi o demonio termos vindo aqui!

— Foi e não foi: estamos prevenidos, é uma vantagem. Reconhecer-nos a esta distancia, na posição em que estamos, é difficil; lá se levantam, e pegam nas bengalas...

— Saíamos tambem, exclamou o visconde, que parecia ter recuperado toda a energia. Até já, sr. Gibraltar... não nos demoramos.

René Morlant e o companheiro dirigiram-se para a porta, e logo que andaram vinte ou trinta passos, Donaciano e Luigi foram-lhes na pista. Viram-os entrar para o hotel do Universo, onde concluíram que moravam.

— E sermos obrigados, exclamou o italiano, a deixal-os conspirar aqui á sua vontade... Ah! paiz do demonio! Diabos levem a civilisação! Raios partam toda a policia, que não consente... ah! se fosse na minha terra!...

— Estão perdidas as esperanças, murmurou Donaciano.

— Temos atravessado incolumes perigos muito maiores. Vamos para tua casa, e lá combinaremos.

XVII

N'essa noite eis o que se passou em casa de Justino Desherbiers:

Meia hora depois de terem entrado no hotel do Universo os dois personagens que tanto inquietavam Luigi San Marco e o visconde de Monaville, sahiram Paulina e a madrinha para irem visitar Celestina Trénoy; e os avós, que ficaram em casa, resolveram descer a rua dos Palacios até á ponte de Lacken.

Entretanto voltaram as duas senhoras, e pouco depois a creada veio dizer que estava na sala um homem, que desejava fallar a Paulina sobre negocio importante.

A rapariga tremeu, e fechou á chave a porta do quarto, em que estavam.

— Que fazes? perguntou a madrinha.

— Temo que seja elle, respondeu Paulina.

— Deixa-te d'asneiras... E dirigindo-se á creada, continuou: Fizeste muito mal em mandar entrar um homem desconhecido; mas já não ha remedio. Que figura tem elle? É alto, barbado, de nariz grande?

— Nada, minha senhora; é tão exquisto, que tanto parece homem como mulher.

— Estou cheia de curiosidade, replicou Zelia Martinpré; vem comigo, filha.

Quando ia a entrar na sala, ouviu passos apressados, que bem mostravam a impaciencia do desconhecido.

A creada não tinha exagerado a descripção; o homem era grotesco, e vestia com inexcusavel eccentricidade.

— Não é, de certo, á neta do sr. Desherbiers, com quem tenho a honra de fallar, disse elle em voz nasal.

— Não, respondeu a velha, um pouco ferida com estas palavras. E gritou: Paulina, podes vir sem medo.

Paulina entrou, e o mysterioso personagem, sem dizer nada, entregou-lhe uma carta fechada.

— Da parte de quem vem isto? perguntou a futura viscondessa de Monaville.

— Isto sahio da urna do destino! tornou o homem com tom solenne.

— Minha madrinha, peço-lhe que leia, disse Paulina dando-lhe o papel.

Ella abriu, e leu em voz alta.

Em quanto as duas senhoras olhavam attentamente para o papel, o portador abria furtivamente uma porta secreta, que dava para um corredor, e desaparecia sem que ellas percebessem.

deram por falta do mensageiro.

— Mas... onde está elle? perguntou Zelia.

— É verdade, responden Paulina. Parece isto um sonho.

— Pela porta não sahio, tornou a madrinha; havia de passar por pé de nós, e viamol-o de certo.

— Meu Deus, meu Deus! Que significará isto? exclamou a rapariga pondo as mãos.

— Já sei como foi, continuou a velha. A porta secreta está baloiçando... sahio por lá.

— Mas como sabia elle?...

— Vejamos antes o que quer dizer o papel...

N'essa occasião chegaram Justino Desherbiers e

Logo que chegou o noivo, Paulina foi ao seu encontro, e contou-lhe tudo; de modo que já estava prevenido da carta, quando a leu.

XIX

Os dois homens que entraram no hotel do Universo, subiram para o primeiro andar, e dirigiram-se para uma pequena sala, que communicava com dois quartos de cama. René Morlant, o advogado francez, sentou-se n'uma meza, e fez signal ao companheiro para que se sentasse tambem.



UM PASSADO TENEBROSO.— A mensagem

XVIII

A mensagem era concebida n'estes termos:

«Comprehendo a difficuldade da sua posição, em quanto não possuir as ultimas provas, que a justiça franceza tem o direito de reclamar, antes de proceder. Não lhe dou por enquanto conselho algum, por isso que reconheço a sua prudencia; mas recomendo-lhe que se não poupe a despezas para fazer com que esses malvados sejam punidos pelos crimes, que praticaram.

«Espero com impaciencia noticias suas.»

«Assignado: Heitor Valençon.»

As duas senhoras olhavam uma para a outra, como quem não entendia o enigma, e n'essa occasião

a mulher. Disseram-lhe o que succedera, e mostraram-lhe a mensagem.

— É romantico, pois não é? disse Zelia.

— Sempre a mesma, respondeu o velho; pois eu vejo n'isto um lado muito serio...

— Sempre o mesmo, tornou Zelia; pessimista, vendo tudo em negro... Ora leia...

Justino Desherbiers não replicou, mas sahio n'um silencio meditativo de quem está preocupado seriamente.

No dia seguinte, quando chegou Donaciano, recebeu-o com a costumada cortezia, e mostrou-lhe a carta, tendo os olhos bem fitos n'elle para analysar o effeito que lhe produziria a leitura. Mas o visconde sorriu, encolheu os hombros e disse:

— Quem escreveu isto enganou-se na direcção.

E principiou a fallar d'outra coisa.

— Rotentout, disse elle, a sua divisa é «descobrir o criminoso, dê por onde der»; para justificar a diz que os tribunaes procedem sem attender aos paes, nem ás mães, nem ás mulheres, nem aos filhos dos réos. Isso é verdade; mas nós aqui não tratamos de castigar, mas de fazer castigar, o que é muito differente. Por consequencia, julgo dever de minha consciencia evitar que esses Desherbiers, que não conheço, sigam arrastados ao abysmo, em que a justiça de Deus ha de lançar aquelle grande criminoso... Vou mandar prevenir indirectamente a pobre menina.

(Continua)